



**ESTUDOS EM HOMENAGEM A
ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA**

BRUXAS, VIZINHOS E PARENTES NA BEIRA ALTA

Clara Afonso de Carvalho
Antropologia Social — ISCTE

Na literatura antropológica, e desde o trabalho clássico de Evans-Pritchard sobre os Azandé, a bruxaria tem sido recorrentemente interpretada como um discurso que permite explicar o infortúnio, e as acusações de bruxaria como um meio de exercer sanção social. Esta interpretação, contudo, não esgota o significado do discurso da bruxaria. No contexto europeu trata-se de uma explicação manifestamente insuficiente. Em particular ela não revela qual a especificidade da bruxaria face à medicina e à religião, discursos que fornecem, igualmente, explicações para o infortúnio. Determinar quais os traços distintivos da bruxaria passa, também, por uma análise contextual. Este texto procura questionar a inteligibilidade do sistema causal empregue pelo discurso da bruxaria no quadro de uma comunidade beirã. Baseio-me, para tal, na análise das soluções apontadas pelas «bruxas» aos casos que lhe foram expostos pelos membros desta comunidade.

Os dados aqui apresentados foram recolhidos em 1984 numa pequena aldeia de 81 residentes distribuídos por 23 fogos, situada nos contrafortes da serra do Caramulo, a poucos quilómetros da Bairrada⁽¹⁾. Insere-se numa zona de pinhais e eucaliptos de cultivo recente, e de minifúndio. Dada a escassez de recursos locais, muitos dos habitantes desta aldeia, tal como em toda a região, emigraram ou empregaram-se nas indústrias locais. Nesta aldeia trabalham três mulheres e um homem como «espíritas» e uma mulher como cartomante e exorcista. Os quatro primeiros detêm o poder de controlar os seus estados de possessão graças à protecção, individualizada, de um santo⁽²⁾. Durante as sessões, e através do possuído, o santo protector responde às questões que lhe são colocadas e pode «fazer descer» um espírito específico. A cartomante lê nas cartas as causas dos

(¹) Estes dados foram apresentados e desenvolvidos em Carvalho, 1984.

(²) Além da Rainha Santa Isabel e de Santa Teresinha, são invocados santos populares: o Padre Cruz e Santa Maria Adelaide (de Arcozelo).

problemas que afligem os pacientes e realiza vários rituais que visam exorcisar, do corpo do paciente ou de um determinado local, um espírito que a eles se «encosta». Todos estes praticantes podem executar ritos destinados a afastar o mau-olhado ou de protecção. Estas pessoas são designadas por «as mulheres», adivinhoas ou bruxas⁽³⁾, mas este último termo possui sempre uma conotação negativa e é apenas utilizado por habitantes de outras localidades. Embora as adivinhoas da aldeia tenham iniciado as suas actividades a partir de meados da década passada, o discurso que utilizam, bem como o hábito de recorrer ao seu auxílio em determinadas ocasiões, encontravam-se já incrustados na região⁽⁴⁾.

Os dados aqui expostos estendem-se por um período de cerca de sessenta anos. Como é óbvio, tornou-se mais usual recorrer à adivinha desde que estas se estabeleceram na aldeia, e nos últimos anos multiplicaram-se as consultas por animais doentes ou que se recusam a comer. As outras razões invocadas para recorrer aos serviços de uma adivinha são, sucintamente, as seguintes⁽⁵⁾: crianças, lactantes em particular, que recusam os alimentos, têm um aspecto doentio, problemas com a digestão ou respiratórios (9 casos); pessoas com dores de barriga, de cabeça, de «espinha», desmaios ou crises histéricas (10 casos); mulher cujo marido tinha estabelecido uma relação extra-marital (1 caso); mulher com problemas de gravidez (1 caso). Para estes casos as explicações apontadas foram: assombramento pelo espírito de parentes que tinham realizado partilhas desiguais ou acusados de ter feito um pacto com o diabo⁽⁶⁾ (7 casos); assombramento por espíritos de pessoas «mal mortas» (7 casos, dos quais 1 foi identificado como parente e 4 como vizinhos); inveja de vizinhos (8 casos, dos quais 2 foram identificados); bruxaria de mulher⁽⁶⁾ (2 casos); doença de médicos (2 casos). Estas explicações prendem-se, maioritariamente, com as relações entre vizinhos, ou entre parentes. Estamos perante um sistema de causalidade que nos remete para o quadro das principais relações que se estabelecem neste tipo de sociedade.

Nesta comunidade (como noutros contextos) as relações sociais são particularmente densas entre os membros de uma casa. A cada casa (habitação) corresponde, em princípio, um grupo doméstico com os seus bens: animais, alfaias agrícolas e terras. Idealmente cada grupo doméstico é constituído por

⁽³⁾ Enquanto grupo, estas pessoas são sempre designadas por um termo feminino.

⁽⁴⁾ Num raio de 50 quilómetros em relação a esta aldeia, e segundo me informaram os seus habitantes, trabalham, ou trabalharam, ao longo dos últimos 60 anos, um total de 21 pessoas que detêm o poder de adivinhar a causa do infortúnio, e três ervanários. Entre os primeiros, 19 utilizam métodos semelhantes aos praticados na aldeia.

⁽⁵⁾ Ver quadro no fim.

⁽⁶⁾ Ver à frente a definição local destes conceitos.

uma família nuclear que partilha a mesma habitação e funciona como uma unidade de produção e consumo. Este grupo inicia-se com o casamento, quando o jovem casal constitui uma casa própria, sendo-lhe atribuídas as terras de regadio e sequeiro necessárias para assegurar a sua subsistência. Por morte dos pais recebem as restantes propriedades, nas quais se incluem os pinhais e eucaliptais, única fonte de excedentes derivados das terras. A herança é divisa e qualquer suspeita de que um dos herdeiros foi privilegiado é imediatamente referida, conduzindo, habitualmente, ao corte de relações entre os interessados. A expansão da casa dá-se com o nascimento dos filhos, e a sua divisão com o casamento destes. O grupo doméstico possui ainda uma dimensão ética e moral: no seu interior deve reinar a harmonia, a cooperação e a interajuda. Os bens da casa são de todos, e os seus membros devem colaborar para a manutenção da prosperidade da casa, sem exigir contrapartidas específicas. A solidariedade de qualquer indivíduo é, em primeiro lugar, para com os outros membros do seu grupo doméstico. Os seus membros possuem uma identidade própria, e qualquer um pode representar o grupo em situações de interajuda comunitária, nos funerais e nas reuniões que a comunidade realiza ocasionalmente para resolver um problema específico.

O segundo círculo de sociabilidade em que as relações são mais intensas é o dos parentes próximos, designados por «família», por oposição aos parentes afastados. Inserem-se nesta categoria, em primeiro lugar, os pais e irmãos de um casal que já possua uma residência autónoma. Incluem-se ainda os tios, os sobrinhos, os avós e os «parceiros», designando-se por este termo os sogros de qualquer dos filhos do casal. Os padrinhos de baptismo dos filhos de um casal são preferencialmente escolhidos no interior deste grupo. As relações entre os membros da «família» são sempre intensificadas pela proximidade espacial. Não sendo muito forte a prática da comensalidade, é habitual oferecer alimentos confeccionados aos elementos deste grupo de parentes, que residam na mesma aldeia, sempre que se faz uma refeição melhorada. São os membros da «família» que, preferencialmente, colaboram nas tarefas agrícolas, podendo possuir máquinas agrícolas comuns ou aparelhar o gado juntos. É igualmente no interior deste grupo que a obrigação de prestar auxílio nos casos de doença, ou de morte, são mais vincadas. Os membros da «família» que residem fora da aldeia são os únicos convidados habituais para a festa patronal, podendo, em alguns casos, auxiliarem-se em certos momentos do ciclo agrícola. As relações no interior deste grupo de parentes são, todavia, dominadas pela preocupação do equilíbrio, sobretudo se entre eles se interpõe a distância espacial. Se os convidados para a festa patronal não podem aceitar o convite, os membros da casa anfitriã não comparecem, nesse ano, na festa dos primeiros. O mesmo sucede ao nível individual: se um membro do grupo doméstico convidado não comparecer, a pessoa que ocupa o lugar equivalente no grupo anfitrião não irá, por sua vez, à festa dos convidados. Esta troca de refeições cerimoniais é designada por «convite», termo utilizado igualmente para nomear o dinheiro que se coloca na

cabeceira de um doente hospitalizado, que pertença ou a este grupo de parentes, ou à aldeia. O grupo doméstico do paciente deve retribuir o «convite» à casa que o ofereceu na primeira ocasião em que um membro desta se encontre, por sua vez, hospitalizado.

O círculo de sociabilidade onde é mais nítida a exigência de uma relação em que as trocas sejam equivalentes é o da vizinhança. A inter-relação entre vizinhos é constante: encontram-se quotidianamente, podem emprestar-se alimentos ou alfaias agrícolas, os homens trabalham nas mesmas empresas ou emigram juntos. As relações de vizinhança são ainda caracterizadas pela interajuda nos trabalhos agrícolas e assistência no infortúnio. Em certos momentos do ciclo agrícola é habitual cada casa pedir o auxílio dos membros das casas vizinhas. Em troca é fornecida uma refeição melhorada e os membros desse grupo doméstico irão, por sua vez, trabalhar para a casa que os ajudou. Nunca se contam os elementos de uma casa que participaram, nem a quantidade de trabalho por eles efectuado. A ênfase é colocada na interajuda, e não na quantidade de trabalho trocada. Busca-se a equivalência no acto de trocar mais do que na quantidade trocada, privilegiando o carácter social da troca. Os vizinhos devem-se ainda auxiliar nas situações de doença ou de morte. No primeiro caso, se a doença for grave, a maioria dos membros da povoação visitam o paciente. Quando morre um dos aldeões, cabe aos vizinhos ajudar a lavar e vestir o morto, confortar a família enojada, cozinhar para esta durante os dois dias que se seguem ao falecimento, e realizar todas as suas tarefas domésticas. Ao velório devem comparecer, além dos parentes próximos do defunto, um membro de cada casa da aldeia. Durante uma semana nenhum vizinho pode comer carne, ligar o rádio ou a televisão. É este o único momento em que é estipulado por tradição que a comunidade deve agir como um todo.

O campo mais alargado de relações em que se inserem os membros desta comunidade é o das «gentes das serranias». As relações com membros de outras povoações estabelecem-se, de preferência, dentro da zona de serra, independentemente dos limites da freguesia e mesmo do concelho. Todos os membros das povoações serranas se conhecem; os jovens de cada aldeia participam nos bailes das localidades vizinhas; os casamentos realizam-se, maioritariamente, entre aldeias serranas; cada grupo doméstico envia um dos seus membros a participar nos funerais de outros habitantes da serra. A zona serrana circunscreve ainda os limites das duas associações de assistência mútua: a irmandade das almas e a associação dos gados. A primeira é constituída por todos os chefes de família das aldeias serranas da freguesia, os quais cumprem determinadas obrigações rituais nos funerais respectivos, e asseguram o pagamento das despesas com o funeral dos seus membros com menores recursos. A segunda é constituída pelos proprietários de gado bovino das aldeias serranas de duas freguesias vizinhas, e paga aos seus membros os prejuízos decorrentes da morte acidental de um bovino.

Desenham-se claramente, nesta sociedade, diferentes círculos de sociabili-

dade, que podem ser classificados segundo a tipologia proposta por Sahlins⁽⁷⁾. No interior do grupo doméstico as relações caracterizam-se pela reciprocidade generalizada. Os dons de comida e trabalho, a ajuda e assistência não são contabilizados, e a reciprocidade é máxima. Ao nível da «família» as relações passam a ser marcadas pela reciprocidade equilibrada. Apesar da proximidade genealógica e das relações preferenciais que unem entre si os membros da «família», estes inserem-se, prioritariamente, em grupos domésticos autónomos e interessados na sua própria prosperidade. Mas é entre vizinhos que a preocupação em manter relações simétricas é mais flagrante. No entanto os interesses rivais das várias casas vizinhas pode induzi-las a recusarem-se a transaccionar entre si, ou mesmo a roubarem-se. Este tipo de relações, caracterizadas pela reciprocidade negativa, encontra-se latente nesta sociedade, e é expressa nas acusações de «ganancioso», de «maçónico» e de invejoso. São considerados gananciosos os indivíduos que se recusem a participar com os seus vizinhos em actos de interajuda ou de auxílio mútuo⁽⁸⁾. As acusações de «maçónicos», por seu turno, recaem sobre pessoas que tenham enriquecido rapidamente e que morrem de acidente⁽⁹⁾. São supostos ter realizado um pacto com o diabo, facto que as condições da sua morte vieram comprovar. Esta figura pode ser compreendida no contexto de uma sociedade em que as fontes de rendimento, que até aos finais da década de sessenta se baseavam apenas nas terras, são escassas e limitadas⁽¹⁰⁾. Cada casa luta pelos mesmos ideais de prosperidade, não possuindo, em princípio, muitos meios de aumentar os seus bens de raiz. Está latente na acusação de «maçónico» a ideia de que o enriquecimento rápido, recorrendo aos meios limitados à disposição de qualquer um, só se pode fazer roubando os seus vizinhos. A inveja é igualmente encarada como um roubo, neste caso da força vital do invejado. São invejadas as crianças e em especial os partos múltiplos; os casamentos; a aquisição de animais ou a reprodução destes, e qualquer obtenção de um bem. A inveja é geralmente dirigida à casa como um todo e pode recair sobre qualquer um dos seus membros, que adoecerá frequentemente ou se sentirá enfraquecido⁽¹¹⁾. Estas acusações referem-se ao comportamento de pessoas que se recusam a manter os laços comunitários,

(7) Ver Sahlins, 1981.

(8) A igreja da freguesia está decorada com várias pinturas de santos entre as quais contrasta a representação de um homem entre as chamas do Inferno, com a seguinte legenda: «Rico Ganancioso».

(9) Os casos que me foram apontados referiam-se a homens que tinham enriquecido graças à venda de sardinha salgada, ou ainda trabalhando como resineiros ou como madeireiros, mas sem o auxílio dos filhos. Este tipo de acusação não recai sobre pessoas que tenham enriquecido em actividade menos tradicionais e fora do contexto social da zona de serra ou que o tenham conseguido graças ao auxílio da sua numerosa prole.

(10) Ver Shanir, 1973.

(11) São particularmente sensíveis à inveja dos vizinhos as pessoas «mais bondosas», «com o coração mais fraco», «o espírito dói-lhes mais»: os que são caridosos para com os pobres, que se impressionam com a visão de sangue ou de um morto. Igualmente vulneráveis são as crianças e as mulheres grávidas.

isolando o seu grupo doméstico (ganancioso) ou roubando os vizinhos (o maçónico e o invejoso). Uma comunidade constituída por grupos que se podem tornar auto-suficientes aos níveis económico e mesmo social corre o risco de se desagregar em múltiplas pequenas unidades independentes. As acusações de inveja e ganância referem-se ao perigo, latente, de dissolução dos laços comunitários, e apontam para os comportamentos mais negativizados neste tipo de sociedade.

As explicações fornecidas pelas adivinhoas, mencionadas anteriormente, referem duas figuras paradigmáticas: o parente que realizou partilhas desiguais e o vizinho invejoso. Ambas as representações apontam para dois aspectos particularmente delicados das relações que se estabelecem no interior desta sociedade. O primeiro refere-se ao momento em que o grupo doméstico original se desmembra e em que a inserção dos seus antigos membros numa nova casa está completa. As relações entre os irmãos passam a caracterizar-se pela exigência de uma reciprocidade equilibrada. Se a herança for desigual, o ideal de um transaccionamento simétrico entre os membros deste grupo é posto em causa, e os herdeiros que não foram privilegiados consideram-se roubados. Por seu turno, a figura do vizinho invejoso evoca o roubo entre casas. Note-se que, dos casos apresentados, só em dois houve uma acusação directa: sobre o homem que viera capar os suínos doentes, num caso; no outro, sobre uma criada. Ambas as acusações recaíram sobre pessoas estranhas à comunidade, com as quais não foi problemático cortar relações. Geralmente, contudo, os pacientes satisfazem-se com a acusação vaga do vizinho invejoso. Esta refere a ameaça, considerada latente nesta comunidade, das relações entre os seus membros se passarem a caracterizar pela reciprocidade negativa.

A bruxaria de mulher, invocada em dois casos, pode, igualmente, ser considerada um tipo de furto. Nunca se considera que um homem mantenha uma relação extra-marital por razões afectivas. Ele terá sido forçado a essa relação por uma bruxaria feita pela amante, ou encomendada junto de uma adivinhoa que «trabalhe para o mal». Este tipo de relações são encaradas como um ataque à sobrevivência do casal, o roubo de um dos seus membros, cabendo à mulher legítima procurar as adivinhoas para que estas desfaçam a bruxaria.

Verifica-se, numa primeira análise, que as explicações para o infortúnio individual, evocadas pelas adivinhoas, o relacionam com figuras que se colocam nas zonas de mudança do tipo de relações que os actores sociais estabelecem entre si. Referem os focos de tensão no interior dos principais círculos de sociabilidade. No entanto tanto a possibilidade de assombramento por um parente morto, como por qualquer espírito, requerem outro tipo de explicação. Remetem-nos para as atitudes face à morte e para a classificação do mundo dos defuntos.

A morte pode ter como consequência a reestruturação do grupo doméstico e implica a alteração do peso económico da casa enlutada face às outras casas, vindo alterar as relações no interior da comunidade. Para além das suas implicações económicas e sociais, a morte representa também o momento de desagregação de um outro ser igual. É sempre sentida como um profundo choque emocional. Todos estes factores contribuem para fazer dos ritos fúnebres o mais importante e participado ritual que se realiza nesta comunidade. O grupo doméstico enojado é apoiado nesta crise por toda a povoação e pelos seus parentes próximos; qualquer contencioso com o falecido ou com um membro da sua família nuclear deve ser esquecido. Além destas pessoas, participam ainda no cortejo fúnebre membros das outras aldeias serranas, e os parentes afastados do falecido. Ao mesmo tempo que se assiste — como acontece noutras ocasiões cerimoniais — à reafirmação dos laços recobertos pelos círculos de sociabilidade dotados de maior densidade — grupo doméstico, parentes próximos, vizinhança —, também são retraçadas e reactivadas as relações sociais mais «lassas». As obrigações dos elementos do grupo doméstico para com o defunto mantêm-se para além do funeral: devem trazer luto, rezar orações e missas pela salvação da sua alma, cuidar-lhe da campa. Os círculos de sociabilidade caracterizados por uma maior densidade de relações demarcam a zona de maior interacção entre vivos e mortos. Esta interacção é mantida pelos vivos através das devoções rituais que realizam pela salvação das almas dos seus. Por sua vez, são as almas dos parentes mortos que são supostas intervir junto dos vivos, mantendo uma relação de proximidade e preferência com estes.

A passagem correcta para a morte está dependente de certos actos cometidos em vida, e das condições do falecimento. Os homicidas, os ladrões, as mulheres que mantiveram relações extramaritais, e todos aqueles que não cumpriram as suas obrigações de solidariedade no interior do grupo doméstico, estão associados à ideia da «má morte»⁽¹²⁾. Este facto será confirmado se morrerem acidentalmente. Idealmente a morte deve sobrevir no leito, em casa, depois de terem sido perdoados ao moribundo os seus pecados e de este ter saldado todas as suas dívidas. A família deve assegurar o correcto processamento dos ritos fúnebres. Segundo esta concepção, falecer fora de casa (de acidente ou no hospital) pode sempre ser nocivo. Os suicidas representam um caso particularmente grave, pois não só morrem longe dos seus, como o próprio acto da sua morte é condenável.

As almas dos defuntos são supostas encontrarem-se no Purgatório e só se «elevarem» graças às orações dos vivos. Alguns espíritos, em especial o das pessoas que sofreram uma «má morte», podem-se «encostar» aos vivos causando

(12) O conceito oposto e simétrico de «boa morte» é definido por Goldey, 1983.

distúrbios diversos. Olhando para os casos em que foi apontado o assombramento verifica-se que apenas numa ocorrência, referente a animais doentes, os espíritos não foram nomeados. Ao contrário da inveja dos vizinhos, em que a relação ao paciente é dada imediatamente, nos casos de assombramento insiste-se na identificação dessa relação. A maioria dos casos aqui apresentados enquadram-se no conceito geral de «má-morte»: parentes que realizaram partilhas desiguais, que foram acusados de maçónicos ou que tinha sido enterrada no cemitério de uma freguesia afastada; vizinhos suicidas, que deixavam dívidas por saldar ou que falecera no hospital. Destacam-se, na lista apresentada, o caso de uma viúva que procura saber se o marido não deixara dívidas, e o da filha de um homicida que recorreu a três praticantes queixando-se da morte sucessiva de animais domésticos. Em ambas as situações está presente a preocupação com a condição além da morte de parentes muito próximos. Estes factos permitem-nos confirmar que a comunicação dos mortos com os vivos se estabelece preferencialmente através das linhas que traçam as zonas de maior sociabilidade: o parentesco e a vizinhança.

O discurso da bruxaria aponta sistematicamente para um mal-estar sentido ao nível dos círculos de sociabilidade mais densos: vizinhos e parentes próximos. O aspecto central deste discurso prende-se com o relacionamento social defeituoso no plano em que as relações se deveriam caracterizar por uma norma baseada na harmonia e na cooperação. O sistema de causalidade expresso pelas adivinhas faz depender o mal-estar ou o infortúnio individual de um desequilíbrio nas relações sociais. Note-se que a doença é sempre entendida como uma desordem. Como uma desordem no que devia ser o curso normal dos acontecimentos é igualmente concebido o infortúnio. A adivinha faz depender a desordem individual (manifestada de forma orgânica ou outra) de uma desordem social, ou mesmo cosmológica. Neste último caso é invocada a presença de um espírito que, por ter sofrido uma «má morte», se «encosta» ao paciente: de um ser que, em consequência de ter sido defeituosamente integrado no mundo dos mortos, se aproxima, perigosamente, dos vivos. É esta conjunção excessiva entre vivos e mortos, ou entre vizinhos que se roubam (segundo a interpretação do conceito de inveja anteriormente definida) que a adivinha refere durante as sessões. O discurso da bruxaria relaciona o mal-estar (real) de um indivíduo com o mal-estar (virtual, mas sempre latente) da sociedade, ou com o relacionamento deficiente entre vivos e mortos. A pertinência do discurso utilizado pelas adivinhas prende-se com o facto de relacionarem o bem-estar individual, a ordem social e cósmica, numa sociedade que conceptualiza a primeira como dependente das últimas.

Recorrência à adivinha e explicação do infortúnio⁽¹³⁾

| DATA | CAUSA | EXPLICAÇÃO |
|------|--|--|
| 1925 | lactente doente | espírito de vizinho que falecera endividado |
| 1935 | criança com desmaios | ? |
| 1940 | criança hospitalizada | ? |
| 1950 | jovem com dores de barriga | bruxaria de mulher |
| 1950 | mulher com problemas indefinidos | espírito da mãe, que fizera más partilhas |
| 1955 | lactente recusava leite | criança invejada |
| 1955 | homem com atraso mental | ? |
| 1960 | marido adúltero | bruxaria de mulher |
| 1960 | criança com problemas respiratórios | doença de médicos |
| 1965 | mortes sucessivas de animais | duas explicações: espírito de suicida e bruxaria de vizinhos ⁽¹⁴⁾ |
| 1970 | mulher com dores na espinha | criada lançara-lhe uma praga |
| 1970 | rapariga com crises histéricas | espírito de vizinho suicida |
| 1974 | rapariga com desmaios | espírito de bisavô que fizera más partilhas |
| 1975 | rapaz doente | espírito de bisavô que fizera más partilhas |
| 1975 | viúva procura saber se o marido, recentemente falecido, estava bem | |
| 1975 | criança com dores de estômago | doença de médicos |
| 1975 | jovem com dores de cabeça | espírito de tia que fizera más partilhas |

(¹³) Embora os dados aqui apresentados sejam significativos, não são exaustivos, dada a dificuldade de inquirir sobre o discurso da bruxaria. Esta problemática é desenvolvida por Favret-Saada, 1977.

(¹⁴) Esta mulher, receava o assombramento do pai, um homicida recentemente falecido, pelo que recorreu a dois espíritos e a um padre exorcista.

| | | |
|------|--|---|
| 1980 | problemas de gravidez | casamento invejado |
| 1980 | bezerros doentes | espírito de vizinho que falecera no hospital |
| 1981 | lactente recusava alimento | espírito de tio «maçónico» |
| 1983 | problemas vários de lactentes gémeos | espírito de tio «maçónico»; inveja de vizinhos |
| 1983 | jovem sofreu dois acidentes de viação | espírito de tia que fizera más partilhas |
| 1983 | sucessão de doenças | espírito de vizinho suicida |
| 1984 | lactente doente | pais invejados pelo seu sucesso económico |
| 1984 | cabras doentes | espírito de uma irmã que foi enterrada noutra concelho |
| 1984 | jovem com dores de cabeça | inveja de vizinhos |
| 1984 | bezerro recusava alimento | espíritos |

BIBLIOGRAFIA CITADA

- Carvalho, C.A. 1984: *Bruxas da Serra. Estudo numa comunidade beirã*. Monografia policopiada, F.C.S.H., Universidade Nova de Lisboa
- Evans-Pritchard, E. 1972 (1937): *Sorcellerie, Oracles et Magie chez les Azandé* trad. L. Evans, Paris, Gallimard
- Favret-Saada, J. 1977: *Les Mots, la Mort et les Sorts. La sorcellerie dans le Bocage* Paris, Gallimard
- Goldey, P. 1983: «The good death: personal salvation and community identify» in *Death in Portugal* ed. Feijó; Martins; Pina Cabral, Oxford, JASO
- Sahlins, M. 1981 (1972): *Age de Pierre d'Abondance. L'économie des sociétés primitives* trad. T. Jolas, Paris, Gallimard
- Shanin, T. (ed) 1973: *Peasants and Peasant Society* London, Penguin